



Galante

Scriptorin **Candinha Bezerra**
FUNDACÃO HÉLIO GALVÃO



Brincadeira popular



Andréia Clara Galvão

Qual a idade da brincadeira? Qual é o tempo do brincar? Temos a tendência a pensar na infância sempre que falamos das brincadeiras e dos brinquedos.

Uma olhada na história da humanidade revela desenhos rupestres de homens dançando, pulando, mergulhando, folgando, brincando... Sabemos de esculturas que se supõe pré-históricas e que aludem a brinquedos. Parece que o brincar é um antigo companheiro do homem. Talvez uma necessidade mesmo.

É Câmara Cascudo (1958) quem diz: brincar em dialeto indígena é *musarain*

e significa *fazer esquecer*. Brinquedo é *musarintaúa*.

O sufixo *taúa* significa *lugar, terra*, portanto, *canto onde se faz o esquecimento, onde nos esquecemos*. Lembremos os nossos

vocábulos passatempo, recreação (re-criação)...

Exercício de convivência, de memória, de lógica, de motricidade, de respeito às regras, de agilidade. Momento para o desenvolvimento e exercício dos músculos, dos nervos, da capacidade de decisão e de responder em nome

próprio. Possibilidade de encontro, de partilha, do sorriso, de improvisação e, mais que tudo, de invenção de si e do outro. Espaço de criação. Brincar é isso, e mais. Bem mais. Por que as palavras, embora preciosas que são, não

conseguem dar conta da magia do brincar... Coisas que só fazendo, ou recordando o feito, para saber.

Se andamos pelas ruas, pelas praças, pelas feiras, nas cidades ou nos campos e detemos nossa

atenção nas crianças, poderemos encontrar uma definição, em cena, do brincar. Não deixemos de olhar a expressão de seus rostos e de seus gestos. O que vemos é o efeito do lúdico, em nós.

Manoel do Rato (RN)

(Cont.)



Mobiliário de boneca (Caicó/RN)

Curumins (crianças), de há muito brincavam nas matas. Colecionando insetos, nadando e lutando nas águas dos rios, catando frutos, plantando maniva, raspando mandioca, dançando e cantando nos rituais de seus pais e avós. Curumins em exercício do fazer e do viver dos *cunhatãs* (adultos).

preponderância dos brinquedos de origem portuguesa em relação aos brinquedos vindos dos negros:... "essa cultura (a negra) ficou espalhada... dando um sabor de minoria, mas de valor mais forte que o da massa majoritária. Assim como canela em mingau."



Burrinho de madeira

Então, atirar de baladeira nos animais, roubar frutos, tomar banho nas represas, rios, açudes, lagoas ou mares, correr em cavalo (de pau, no mais das vezes), fazer corujas de papel (pipa, para quem não conhece essa terminologia essencialmente nordestina), colecionar pedras, tampinhas, insetos foi, e é, brincadeira de qualquer menino que ande pelos campos de todos os tempos. (Pobres dos grilos, formigas, moscas, embuás... saindo desesperados no momento da alforria, quando o menino resolvia destampar

Brinquedo em madeira

nas aldeias e nas praias, nos becos, ruas e praças de nossas cidades.

A herança negra agrega-se dando colorido novo a uma lúdica, agora, brasileira. Diz Cascudo (1958), referindo-se à



Coruja (Caicó/RN)



Rói-rói

a caixa ou o vidrinho, pousada de seus nobres hospedeiros).

Revisitemos pois o mundo das brincadeiras de menino, o universo experimental e poético da infância...

Quem não brincou de cadeirinha, tica, esconde-esconde, pega ladrão, pão quente, academia, garrafão? Quem não foi um dia, senhor rico e poderoso, mãe dedicada e zelosa, pai, filho e até avô? E aeromoça, modelo, professor, mendigo, motorista de avião ou



Loucinha de barro - José Ramos (Santo Antonio dos Barreiros)

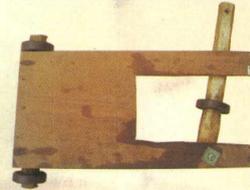
caminhão ou, ainda, vendedor nas feiras do faz-de-conta?

São inúmeras as brincadeiras e infinitas as possibilidades. Algumas, porém, sendo as mesmas, desde longos anos, vestem roupas diferentes, de acordo com a geografia, as condições sociais e econômicas de quem brinca.

Menino de canavial arma arapuca pra pegar passarinho, pra pegar preá. Brinca de boneca de milho, faz bola de capim seco, da palha de milho. Para quem é menino no sertão, onde o interesse é o gado, os ossinhos restantes do almoço

podem virar rebanho da fazenda. As reses comendo o capim da imaginação. A bola pode ser de couro; a arapuca, para as arribaçãs...

Para as meninas, a boneca, o enxoval e a mobília foi e continua



Carro de rolimã - Gabriel (Igapó/RN)

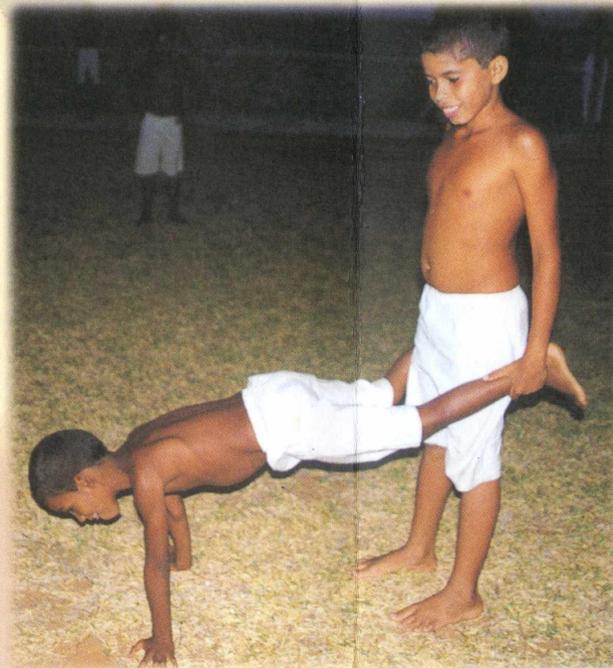
sendo fonte interminável de brincadeira. E, brincando, exercitava-se a atenção às necessidades vitais. Porque, com as bonecas, é preciso alimentar, vestir, educar cuidar, sarar, viajar, visitar... Surge, então, toda uma trama, muitos ofícios a serem exercidos: médico, professor, motorista, dentista... Aí, pode haver lugar para os meninos, se estes assim se dispuserem. Eles dão um brilho especial à brincadeira, que só menino pode dar.



Boneca de pano - Maria das Neves (Natal/RN)

De pano, de cabelo de milho, de madeira, de borracha, João-redondo... Boneca pede sempre casa e comida. Casa debaixo de uma mesa, nos limites dos pés de uma cadeira. De caixa de papelão, de madeira, castelo de areia, de vento e de sonho... E tem mobília de tudo quanto é jeito: de caixa de fósforo,

Galante



Brincadeiras de "Carro de mão" - meninos do Zambê de Pernambuco (Tibau do Sul/RN)

de pasta de dente, de sapato... Tem também as de madeira, de plástico... Sobretudo, há ainda uma classe de móveis lindos e preciosos: são aqueles inefáveis, utilizáveis apenas para os que conseguem entrar em um certo estágio, onde o invisível torna-se visível, palpável, tendo cor e cheiro... O mesmo se dá com a comida: rara, fresca e deliciosa... Pode ser de papel, de folha, de areia, de sementes, de cola... Pode até



Academia - Maria da Conceição da Silva Batista (Natal/RN)

Remandinha, remandinha mandou dizer....

Era preciso cumprir a ordem: rápida e



Peteca

prontamente. Buscar uma flor, dar um beijo em alguém, tocar em muro longe... O primeiro que chega fica livre. O restante leva tapa nas mãos. A intensidade varia de acordo com o atraso, ou com as simpatias, as amizades. São os bolos de que falei: quente, morno e frio. Tem ainda bolo de passarinho (beliscão bem de leve). De pai (bem forte) e de mãe (razoavelmente leve).

Os adolescentes se divertem e experimentam seus contatos na brincadeira Tô-no-poço. (com o mais sublime do ser invisível, jamais insípida!

Tem bolo frio, morno, quente ... na brincadeira de "Boca de Forno". Quem não experimentou o lugar do déspota que tudo mandava, ou o lugar talvez do escravo, que apanhava no caso de desobediência às ordens do senhor? Havia o combinado antes:

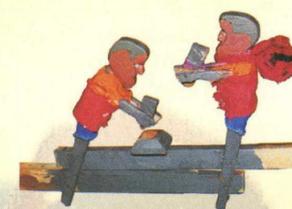
- Boca de forno?
- Forno!
- Tirando bolo?
- Bolo!
- Jacarandá?
- Dá!
- Quando eu mandar?
- Vou!
- E se não for?
- Leva um bolo!

Se é um menino que é escolhido para ficar no poço os que estão fora escolherão uma fruta que representará a cada um. Quem está no poço desconhece as escolhas. Eis as palavras

Tô no poço.

O que foi?
— Caí.
— Onde bate a água?
— No pescoço.
— Como é que sai disso?
— Com um abraço e um beijo (aqui o caído no poço faz suas escolhas).
— Qual é a fruta?

Se o que está no poço diz o nome de uma das frutas-menino(a), o designado vai salvá-lo. É aí que surgem as surpresas, para alegria e frustração dos corações iniciantes ou iniciados... Se o nome escolhido for da fruta daquele por quem o coração pulsa, maravilhosa oportunidade surge! Se for,

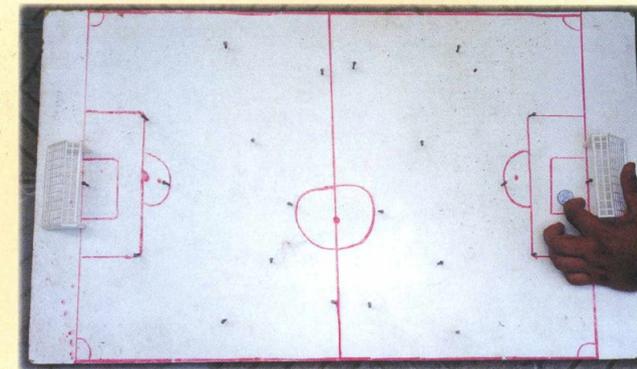


Boneco de madeira - João Targino Filho (Lagoa Salgada/RN)

ao contrário, um outro menino, resta dar o beijo e o abraço prometidos.

Quem de nós nunca pisou no céu ou na lua? Este provavelmente não é um privilégio apenas dos astronautas. Quem já pulou academia, já experimentou o descanso que é chegar ao céu, grande e redondo e gozar do milagre de nele pousar!

Só lá, no céu, pode-se pisar com os dois pés depois de ter tido que se equilibrar em um pé apenas e com o cuidado de não ultrapassar os estreitos limites de cada casa a ser percorrida e transposta. Só depois é possível usufruir da paz que o céu, ou a lua da academia, podem oferecer. Sabe-se que a academia é praticada em todos os continentes da terra e um dos desenhos mais antigos



Futebol de "prego e moeda" - Moaci B. Nunes (Igapó/RN)

está gravado no chão do Forum de Roma. Foram os romanos, na expansão de seu império, que iniciaram a difusão deste jogo, vindo ao Brasil nas caravelas portuguesas. A academia continua garantindo diversão às crianças que estão desde o sertão ao litoral.

Precisa-se apenas de uma pedra que risque, ou um pedaço de carvão ou de giz, para desenhar todas as casas, as asas e céu necessários à existência da academia. Se for na areia,



Galinha artesanal

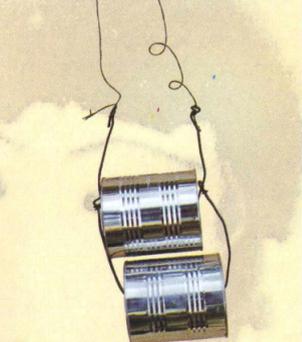
um pauzinho é tudo para garantir sua grafia.

Depois, então, é imprescindível um caco de telha ou um caco de vidro daqueles que as areias e os ventos do tempo conseguiram aparar as farpas... Um xexo chato e bem lisinho também pode ser perfeito! O importante



Carro em madeira - Anônimo (Mercado da Avenida 4 - Natal/RN)

é que esta pedrinha possa deslizar suave ou fortemente de acordo com a necessidade e o estágio



Carrinho de lata - Carlos (Igapó/RN)

em que se encontra o jogador. Aí, é um exercício de olhar os limites espaciais e corporais, controlar o equilíbrio, a agilidade e sincronia entre o olhar e o lançamento da pedrinha. É preciso que ela

(Cont.)

Galante
 Scriptoria Candinha Bezerra
 FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO

Fones: (84) 211-8241/fax: 211-8790
 E-mail: mensagens@candinhabezerra.com
 Internet: www.candinhabezerra.com

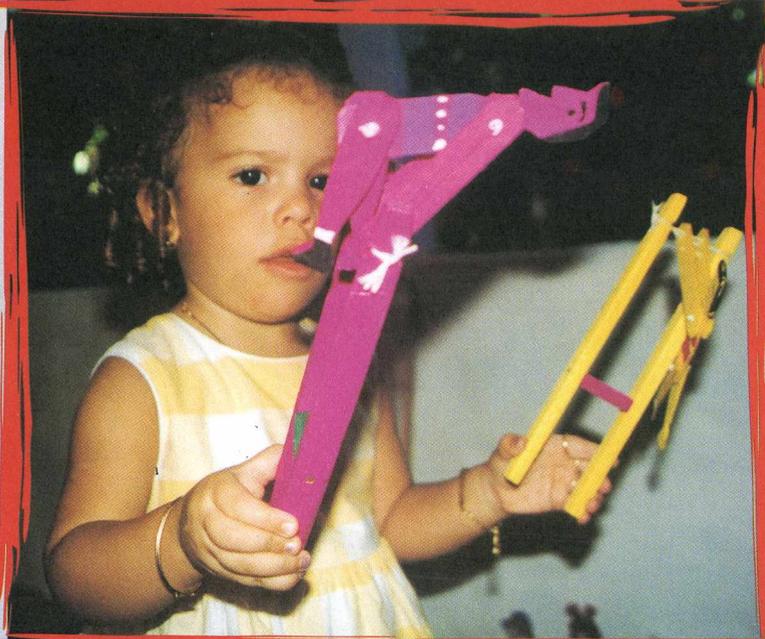
Direção Artística e de Pesquisa
 Dácio Galvão

Fotografias
 Candinha Bezerra

Programação visual
 D & S Publicidade

Colaborador
 Andréia Clara Galvão
 Psicanalista

Apoios
 Tribuna do Norte
 TV Cabugi



Maria Clarisse com "Martim Saltador" (Natal/RN)



Jogo de baralho (Praia de Caraúbas - Ceará Mirim/RN)

tenha capacidade de deslizar mas não a ponto de ultrapassar a casa em questão.

Se os astronautas flutuam, quem pulou academia sabe que também é possível pisar firme, com os dois pés, sentar e até deitar no céu ou na lua, dependendo da versão escolhida.

E a *coruja*? Destinada a levar adultos e crianças a experimentarem a transposição das alturas e ficarem mais próximos do azul do céu e do algodão das nuvens. Palitos de coqueiros pra quem tem coqueiro por perto. Senão, qualquer pauzinho fino, leve e linheiro, até canudo pode servir... mais o papel, bem colorido, se possível, e os molambos, tiras de pano amarradas para fazer o rabo... Manobras, guerra nos céus, gilete, telegrama, cerol. Brinquedo milenar, menino brincando de pássaro, absolutamente leve e lindamente ágil.

Frio-ou-quente, par-ou-ímpar, cara-ou-coroa, varre-varre-esta-casinha,

cantigas-brinquedos, pinicainha, doninha da calçada, pobre-e-rica,... O

aro de bicicleta ou pneu para equilibrar. Carrinho

de lata, de osso, de madeira, de barro cozido, sobre rodas. Jogo de

cartas, de damas, de bilhar, sinuca, peteca, pião, passa-anel, pedrinhas, passarás (bom-barquinho), peia-quente, biloca (bola de gude). Cantigas de roda, gato-no-pote, berlinda, cobra-cega... E a bola, de tudo quanto é tamanho e em suas infinitas possibilidades. E o futebol, de campo, de botão, de moeda, de tampinha...

Acrescente-se o vagar, vagabundar, ficar à toa, sem fazer nada.... olhos de contemplação. (...) "andava o menino caçando pelos campos. Caçando sim, porque procurar é palavra que pouco se usa... caçando tudo. Caçando nada... Andando, caçando e falando só. (Hélio Galvão, 1989).

Infinitas as brincadeiras, regionais em suas versões, universais, porque muitas vezes perdidas na origem e espalhadas pelos quatro cantos. Nos manguezais, nas caatingas, nos canaviais, nas praias, nas ruas e praças; o menino e o brincar. O homem. E o menino, que habita todos os homens.



Gato no pote (Praia de Jacumã - Ceará Mirim/RN)

P R O J E T O

N A C I O
Potiguar

UP UNIVERSIDADE
POTIGUAR

Nossa cultura, nosso saber.